

# A Classe Operária

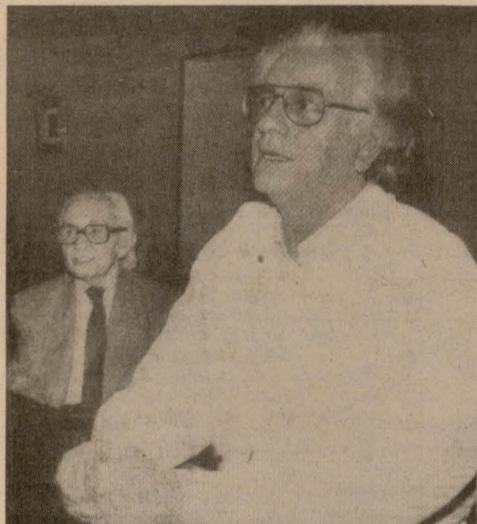
Órgão Central do Partido Comunista do Brasil



## Rebeldes com muitas causas

O Presidente da UNE, Lindbergh Farias (foto), e o coordenador geral da UBES, Mauro Panzera, explicam quais as muitas causas que levam os estudantes às ruas, como a grande (e boa) novidade deste Brasil dos tempos, quase extintos, do Collor.

PÁGINAS 6 E 7



WILLIAN DE MOURA

Amazonas expôs a Itamar a posição do PCdoB

## João Amazonas se reúne com Itamar Franco

Sintonizado com o momento político que aponta para o impedimento do presidente Collor, o PCdoB tem acompanhado os passos da transição, empenhado na mudança de rumo da nação brasileira. Foi com essa preocupação que o presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, acompanhado do líder da bancada do partido, Aldo Rebelo e da deputada federal Jandira Feghali, fez uma visita, no último dia 4 de setembro, ao vice-presidente Itamar Franco, no Rio de Janeiro. Na oportunidade, Amazonas expôs a preocupação do PCdoB com as consequências nefastas para o país e o povo da aplicação da política neoliberal por Collor; falou sobre a defesa dos interesses nacionais bem como sobre o indispensável aprofundamento da democracia. Deixou claro que o PCdoB não reivindica a participação no governo. Por sua vez, Itamar Franco afirmou que, embora vice de Collor, jamais concordou com sua política. Fez questão de afirmar sua posição em defesa dos interesses nacionais e do regime democrático.

## Saída para URSS é poder operário, afirma Ampílov

PÁGINA 10

# FIM DA HISTÓRIA COLLORIDA DEPENDE DA FORÇA DO POVO



CÉCILIA PEDERSON

Com a decisão do STF, no dia 10, a votação do impeachment de Collor foi adiada. Este é um momento decisivo para a mobilização popular visando limpar o Brasil do pesadelo da corrupção collorida e de seu governo anti-nacional e anti-popular. Estão marcadas grandes manifestações em várias cidades: Curitiba, dia 15; Salvador, 19; e Recife, 20. A maior delas deverá reunir 1 milhão contra Collor em São Paulo, dia 18 próximo.

PÁGS 4 e 5 e EDITORIAL PÁGINA 3

## ELEIÇÕES

### Direita perde fôlego e votos na reta final

PÁGINA 8

### Collor raivoso lança ataques contra PCdoB

PÁGINA 3

No momento decisivo da crise, o povo fica nas ruas para garantir o fim de Collor

CDM

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

# 170 anos de luta pela soberania nacional

PÁGINA 12

## CARTAS

## Família de bandidos

São 5:40 da manhã, há 2 horas estou acordado pensando na situação dos trabalhadores em todo o processo histórico da humanidade reunido sob a luta de classes e domínio dos exploradores.

Como trabalhador, como milhões de trabalhadores, não pude acompanhar a leitura do relatório da CPI, pelo senador Amir Lando, sobre o escândalo PC. Que pra mim sempre foi Collor-PC.

Durante a campanha de 89, não conversei com um só alagoano, trabalhador é claro, que não confirmassem ser os Collor uma família de bandidos. Mesmo assim, este patife com a ajuda dos maiores e piores exploradores do Brasil e do estrangeiro, foi maquiado e apresentou-se na TV como jovem, honesto, valente e inteligente. E os trabalhadores brasileiros, sem conhecimento da verdade, confiaram seus anseios e esperanças ao ladrão, drogado, chefe de quadrilha e de assassinos. Agora, 2 anos depois de muita ilusão, e por pressão dos que sempre foram contra este lambe-botas, é que o povo conhece em quem votou.

Eu acredito que os milhões de dólares a que se somam o roubo de Collor-PC é migalha diante do escândalo ainda não denunciado por Pedro Collor como os bilhões de dólares que Marclio-Collor transferem para seus amigos nas privatizações do patrimônio do povo brasileiro que trabalha há 40 anos para construí-lo e perde em minutos computadorizados na bolsa de valores do Rio e nas negociatas da dívida externa.

Não é mais só tirar Collor, é preciso barrar a investida contra o patrimônio do povo, viu seu Itamar? Fora Collor, Bush, FMI, etc. Chega de bandidos. Dá sossego a meus irmãos, seus filhos, cansados, com fome, com corpo doído de tanto trabalho.

Ermano F. de Oliveira  
Altamira - PA

## Instrumento político

Gostaria de receber, o mais breve possível, o jornal "A Classe Operária", na medida em que é hoje um instrumento indispensável para a orientação de nossa política revolucionária.

Um grande abraço

Francisco Koller  
Ajuricaba - RS



## Nós x o imperialismo Bem vindo Corbisier

A bandeira Fora Collor encontrou eco nas massas desesperadas com a situação sócio-econômica do país.

Agora cabe a nós, comunistas, politizar o rumo da discussão sobre o futuro do presidente e de seu (des)governo. Temos claro que não é afastando Collor de Mello do governo que teremos posto fim a sua política neoliberal. A disputa é mais profunda, pois envolve dois projetos políticos que são antagônicos: o nosso e o da burguesia. A disputa é pelo fim deste governo antinacional que, mesmo sem Collor de Mello, continuará a seguir a política ditada pelo FMI e Cia. É uma luta acima de tudo ideológica, onde devemos mostrar aos trabalhadores que não basta por fim ao descalabro collorido mas sim transformar radicalmente a sociedade atual. Que a solução dos problemas que enfrentamos tais como fome, miséria, violência, etc. só serão resolvidos com o fim do capitalismo.

O Fora Collor é a primeira vitória dos trabalhadores depois das eleições de 89. A segunda está em jogo nos locais de trabalho, nas portas de fábricas, escolas, universidades e no dia-a-dia de atuação de cada militante comunista.

Acredito que depois dos escândalos colloridos, o Brasil nunca mais será o mesmo e cabe a nós darmos o tom e a cor desta transformação.

Rui Amaro Gil Marques  
Arapongas - PR

Ainda durante os anos da ditadura militar, acompanhei com atenção os artigos do filósofo Roland Corbisier na imprensa alternativa.

O prof. Corbisier é uma expressão viva da importância, em todos os momentos, de luta teórica. Por isso, ao ler na Classe 86 a notícia do seu ingresso nas fileiras organizadas dos marxistas-leninistas do Brasil, não pude conter o comovido brado: Viva o PCdoB.

Hamilton Carvalho  
Goiânia - GO

## Leitor dinamarquês

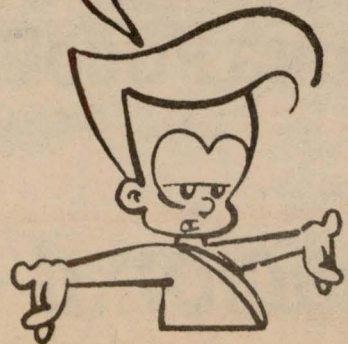
Com a presente os envio um cheque de 30 dólares, correspondente à renovação de minha assinatura anual da "Classe Operária". Me foi bastante difícil obter o preço que equivalha aos 80 mil cruzeiros, já que os bancos da Dinamarca não tem uma taxa de câmbio atualizada diante do cruzeiro. Por isso seria bem mais fácil, se a assinatura da "Classe" fosse também indicada em dólares. Os saúdo pelo excelente e muito informativo trabalho e espero que o trabalho comunista dos camaradas se desenvolva sempre com novos êxitos.

Um forte abraço revolucionário

Sven Tarp  
Aarhus, Dinamarca

## LÚCIO &amp; FLÁVIO

NÃO SABIA O QUE ERA, AÍ JOGUEI FORA!



AQUILO ERA UM BIFE, IDIOTA!



## A Classe Operária

Diretor e Jornalista Responsável  
João Amazonas

Editora: Ana Maria Rocha

Redação: Dilermando Toni, Jefferson Barros

Colaboradores: Altamiro Borges, Antonio Carlos Queiroz, Bernardo Joffily, Carlos H. Vasconcelos, Carlos Pompe, Guilomar Prates, José Reinaldo Carvalho, Juarez Tadeu, Moacyr de Oliveira Filho, Olívia Rangel, Pedro Augusto Pereira, Pedro Oliveira, Umberto Martins - Projeto Gráfico: Auracébio e Equipe - Diagramação: José Luis Munuera Reyes

Composição e Arte Final Compuart - Fone: (011) 36-0412 - Fotolito: Ênfocke

Impressão: Gazeta da Lapa

Administração: Vera Lúcia Lopes da Silva

Arquivo: Leandro Schillipake - Secretária: Sílvia Regina Lopes

Publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária - Rua Adoniran Barbosa,

53 - Bela Vista - São Paulo/SP

Fone: (011) 34-4140

## Sedes Regionais do PCdoB

ACRE - Rio Branco - R. Rio Grande do Sul, 65 - (088) 224-7329 - ALAGOAS -

Maceió - Ladeira do Brito, 72 - Centro - (082) 221-4634/221-4726 - AMAZONAS -

Manaus - R. Lutz Antony, 762 - Centro - (092) 233-7717 - AMAPÁ - Macapá -

Av. Feliciano Coelho, 882 - Bairro do Trem - BAHIA -

Salvador - R. Junqueira Ayres, 41 - Barris - (071) 321-8420/321-8622 -

CEARÁ - Fortaleza - R. São Paulo, 1.037 - Centro - (085) 221-4090 - DF - Brasília -

HIGS Bloco G Casa 67 - (061) 225-8202/225-3933 - ESPÍRITO SANTO -

Vitória - R. Prof. Baltazar, 152 - Centro - (027) 222-8162 - GOIÁS - Goiânia -

Alameda Botafogo, 427 - Centro - (062) 223-5571 - MARANHÃO - São Lutz -

R. Viana Vaz, 110 - Centro - (098) 222-5295 - MINAS GERAIS -

Belo Horizonte - R. Padre Belchior, 285 - Centro - (031) 222-3161 e 173-1519 - MATO GROSSO

DO SUL - Campo Grande - Rua 13 de Maio, 3.853 - Casa 1 - Centro - CEP 79100 - (067) 721-1390 -

MATO GROSSO - Cuiabá - R. Comandante Costa, 548 - Centro - (065) 321-5095 -

PARÁ - Belém - R. 3 de Maio, 1.834 - Centro - (091) 229-5200 -

PARAÍBA - João Pessoa - R. Pedro II, 932 - Centro - (083) 221-8325 - PERNAMBUCO -

Recife - R. Afonso Pena, 233 - Boa Vista - (081) 231-2038 - PIAUÍ -

Terezina - R. Desembargador Freitas, 1.216 - Centro - (086) 221-1162 - PARANÁ -

Curitiba - R. Voluntários da Pátria, 82 - Conj. 212 - 3º andar - Centro - (041) 223-5920 -

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro - R. 13 de Maio, 33 - 16º andar - Conj. 1601 - Centro - (021) 240-5286/220-1366 -

RIO GRANDE DO NORTE - Natal - Praça Kennedy - R. Vaz Godin, 86 - Centro - (084) 222-8323 -

RONDÔNIA - Porto Velho - R. Tenreiro Aranha, 2.122 - Centro - (069) 222-4242 -

RORAIMA - Boa Vista - Avenida Capitão Júlio Bezerra, 953 - São Francisco - (095) 224-1870 -

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre - R. Dr. Vale, 142 - Floresta - (0512) 229-4173 -

SANTA CATARINA - Florianópolis - Avenida Mauro Ramos, 475 - Centro - (0482) 24-1927 -

SERGIPE - Aracaju - R. Lagarto, 890 - Centro - (079) 224-8864 -

SÃO PAULO - São Paulo - R. Condessa de São Joaquim, 272 - Liberdade - (011) 277-3322 -

TOCANTINS - Gurupi - Avenida Goiás, 1962b - Centro.

NOVO FAX: (011) 36-0412

## ASSINE

## A Classe Operária

Recorte e envie com cheque para Empresa Jornalística A Classe Operária - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - CEP 01318  
Trimestral: Cr\$ 20.000,00  
Semestral: Cr\$ 40.000,00  
Anual: Cr\$ 80.000,00

Nome: \_\_\_\_\_

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
Fone: (011) 34-4140  
Fax: 36-0412

## Opinião

### Ora, "senhor" Presidente

WALTER SORRENTINO  
Presidente do PCdoB-SP

O PCdoB faz de sua campanha em São Paulo instrumento de denúncia da grave crise a que foi levado o país sob a presidência de Collor. Temos como centro desmascarar não apenas a corrupção deslavada, comandada pelo presidente - conforme aprovou a CPI -, mas seu projeto lesivo aos interesses da pátria e do povo. Visamos a mobilização da consciência cívica contra tal estado de coisas.

O Sr. presidente, incomodado com essas denúncias, solicitou direito de resposta aos candidatos do PCdoB no horário eleitoral gratuito. Alegou o necessário respeito às leis e instituições, invocou direitos e deveres da democracia.

Ora, o senhor presidente não está, absolutamente, em condições de ministrar lições de democracia ao PCdoB nem a ninguém. Como chefe do poder Executivo, foi exatamente ele quem conspirou contra direitos e deveres no exercício do cargo, acendendo a indignação popular, que se levanta em cada praça deste país imenso.

Collor não tem moral para cobrar dos candidatos do PCdoB que apresentem propostas para a cidade. Porque o PCdoB está na luta há muitos anos junto ao povo de São Paulo, e estamos certos de que essa luta corresponde aos anseios e esperanças mais sentidas, exatamente contra as quais o senhor presidente vem investindo, com sua política de liquidação do patrimônio nacional, de fome, desemprego e arrocho. Segundo, porque a nossa proposta central para São Paulo neste momento, assim como para todo o Brasil, é FORA COLLOR, IMPEACHMENT JÁ! Estamos certíssimos de que os paulistanos saberão reconhecer o valor de Vital Nolasco e de Ana Martins conferindo-lhes o voto para um mandato de luta exatamente com esse propósito.

Quanto ao espaço caro de TV a que se referiu, o senhor Collor de Mello o tem ocupado repetidamente sem responder a nenhuma das acusações dos crimes que cometeu. Já o nosso é produzido com recursos simples, de trabalhadores honrados que se cotizam para sustentar uma campanha limpa. Nada a ver com o que os brasileiros vêem acontecer no Planalto e na Dinda.

Por fim, o senhor Collor não está propriamente em condições de "exigir" respeito nem de "não de admitir irresponsabilidades". Quem atenta contra a honra e a imagem dos cidadãos é seu governo. A voz das grandes manifestações populares é clara: Collor é o grande irresponsável desta nação. E nossa indignação de tê-lo como primeiro mandatário só pode ser reparada com seu imediato afastamento do cargo. O PCdoB se orgulha de ser uma das forças destacadas que, há tempos, vem atuando nesse sentido. Dele não nos afastaremos: somos pelo Brasil! E pela saída imediata de Collor!

*Quem atenta contra a honra é Collor. E nossa indignação de tê-lo como Presidente só pode ser reparada com sua saída, já.*

Collor foi ao palanque no 7 de setembro por uma passagem subterrânea.



### Xeque-mate para Collor

**O** anúncio feito pelo presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, de que Collor terá de se manifestar sobre as acusações que lhes são feitas e de que o processo de impeachment deverá ser liquidado brevemente, deixou o presidente desarvorado e com os dias contados para sair do Planalto. A decisão de que o voto dos parlamentares será aberto, deixou-o ainda mais sem margem de manobra.

Tudo leva a apressar o desfecho da crise. O cinzeno 7 de setembro já tinha sido revelador do estágio da crise e da expectativa dos brasileiros com o rumo do país. Foi um inusitado retrato de um presidente que já não o é mais, ou condenado à semi-clandestinidade, desonrado o suficiente para não ousar vestir a faixa presidencial. Isolado o bastante para temer desfilar em carro aberto até o palanque. Desautorizado ao ponto de não ter coragem de passar em revista as tropas, sob pena de não ser correspondido pela oficialidade.

Quem não se intimidou foi o povo brasileiro. Apesar da chuva e do frio, da proibição de manifestações, foi às ruas de verde-amarelo e de luto mostrando toda a vitalidade de seu sentimento nacional, num patriotismo que se manifestou nas vaias a Collor em Brasília. O presidente passou o vexame não só no palanque onde assistia ao desfile, como na recepção a diplomatas no Itamarati. Af, a banda teve de tocar para disfarçar a vaia dos manifestantes que

vinham de fora do recinto. Manifestações pipocaram por todo o país no dia da Independência. Até romaria a Aparecida teve caráter de manifestação pelo impeachment de Collor com a participação de mais de 50 mil trabalhadores. Os protestos em Nova Iorque, França, Portugal e outros países também ecoaram no Brasil e deram repercussão internacional ao isolamento do presidente.

Esses últimos acontecimentos indicam que os estertores de Collor, expressos numa tentativa de contra-ofensiva com ameaça de demissão de ministros, no jantar com seus apoiadores e em recadinhos através da primeira-dama nos jornais, de nada adiantaram. Mais e mais setores políticos abandonaram seu barco e passaram ao ataque. Exponentes militares fizeram declarações públicas afirmando que o presidente está desmoralizado e precisa sair de cena e que não vão atirar no povo em crescente revolta nas ruas.

**A** postura decisiva do presidente da Câmara em criar as condições para apressar o afastamento de Collor é respaldada pelo clamor das massas nas ruas. E a realização de grandes comícios previstos para os próximos dias será decisiva não só para decidir o voto de possíveis vacilantes, como uma importante garantia para o tão esperado afastamento de Collor do Planalto e a mudança de rumo tão necessária à sobrevivência da nação brasileira.

### Força popular ganha as ruas

DYNÉAS AGUIAR  
Membro do CC do PCdoB

Com a aprovação do relatório da CPI e a apresentação do pedido de impeachment feito em nome dos partidos políticos e entidades civis por Barbosa Lima Sobrinho e Marcelo Lavenere, foi cumprida vitoriosamente a 1ª etapa da batalha pelo afastamento de Collor do governo.

Essa vitória foi conquistada e garantida fundamentalmente nas ruas, através das grandes mobilizações populares, em que sobressaíram as passeatas e concentrações estudantis convocadas pela UNE e pela UBES. A aprovação final do impeachment é possível, mas é ainda um objetivo a ser atingido.

Nesse quadro de enfrentamento claro de forças entre Collor e a vontade popular, é mais do que necessário dar continuidade às mobilizações de rua a nível nacional. O país precisa estar alerta para colocar por terra as manobras contruístas de Collor.

As forças progressistas e democráticas, em particular os comunistas, há muito vêm indicando que a causa da crise que o país atravessa está na aplicação do projeto neoliberal por parte de Collor e seus Ministros.

Cabe aos militantes e dirigentes das entidades de massas explicar com linguagem direta e simples o vínculo existente entre as suas reivindicações imediatas

*Pela primeira vez em nossa história, um Presidente é afastado do poder pela força do movimento popular unido.*

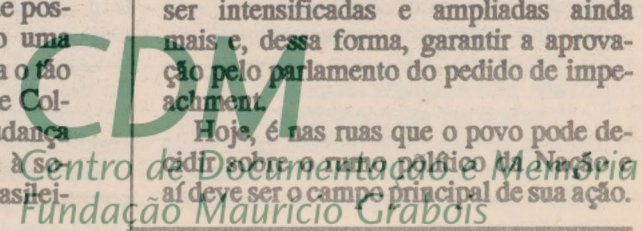
e o combate ao projeto neoliberal. Esse vínculo se tornará mais compreensivo quando for estabelecido em plataformas e programas onde estejam expressas as reivindicações gerais em defesa de um novo projeto de desenvolvimento para o país.

Essas plataformas e programas servirão para motivar e incentivar a ampliação da participação das massas e um importante instrumento para elevar o nível de debate político sobre a necessidade do afastamento de Collor e da derrota de seu projeto.

Outro fator importante para o aprendizado político do povo brasileiro é que, se vitorioso o impeachment, pela primeira vez na nossa história um Presidente é afastado do poder pela força do movimento popular. As classes dominantes compreendem o perigo que isto representa ao monopólio do poder que hoje está em suas mãos. Por isso manobra, procura esvaziar ou desviar o rumo da luta.

Para evitar o sucedido em 1984 na campanha das Diretas-já, quando, apesar de massivas e combativas, as mobilizações de massas não foram suficientes para garantir a vitória da vontade popular, na etapa atual da luta pelo fim do governo Collor as mobilizações deverão ser intensificadas e ampliadas ainda mais e, dessa forma, garantir a aprovação pelo parlamento do pedido de impeachment.

Hoje, é nas ruas que o povo pode decidir sobre o futuro político do Brasil, e aí deve ser o campo principal de sua ação.



## NACIONAL

## As forças armadas na "nova ordem"

HAROLDO LIMA

Deputado Federal (PCdoB - BA)

Entre 18 e 20 de agosto passado, realizou-se no Congresso Nacional, sob os auspícios da Comissão de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, importante seminário para a discussão de temas estratégico-militares da atualidade. Generais, almirantes e brigadeiros, além de diversos oficiais, participaram dos debates. Os ministros da Marinha e da Aeronáutica estiveram no encerramento dos trabalhos. Também aí esteve o senador Benevides, presidente do Congresso. Na mesa diretora dos trabalhos estiveram, permanentemente, os deputados Mauro Borges, Paulo Ramos e Haroldo Lima. Especial atenção despertou o tema "A chamada Nova Ordem Internacional e suas implicações para as forças armadas", apresentada pelo almirante Vidigal.

## Interesses americanos

A extensa e substancial exposição do almirante Vidigal tratou da relação entre os conceitos militares norte-americanos, no curso da história, e os correspondentes conceitos militares sul-americanos. Observou terem sido as forças armadas sul-americanas caudatárias dos planos ianques. "Quando o principal interesse estratégico dos EEUU - diz o almirante Vidigal - era derrotar o fascismo, a América Latina foi mobilizada para impedir que esse sistema político penetrasse...". Após a II Guerra, quando os EEUU consideraram ser o comunismo a principal ameaça, "a América Latina foi levada a assumir uma postura francamente anti-comunista..."

Observe-se que, em cada uma dessas grandes fases históricas, desenvolveu-se no sub-contidente toda uma doutrina militar específica. Assim é que, na fase posterior à II Guerra, e particularmente na década de 60, criou-



Os militares da América Latina devem defender os seus Estados Nacionais

se o conceito de "guerra subversiva", que englobava as idéias de "agressão ideológica", "fronteiras ideológicas", "guerra psicológica adversa" etc. A "doutrina de segurança nacional" foi a versão tupiniquim desse conceito militar de origem estrangeira.

O término da guerra-fria, com o "colapso da URSS", faz "os interesses estratégicos dos EEUU", "mais uma vez mudarem" diz Vidigal. Três ameaças passam a ser vistas pelos EEUU como as mais graves e definidoras de um novo conceito estratégico: "o narcotráfico, a degradação do meio-ambiente e o possível desenvolvimento em países do terceiro mundo, considerados irresponsáveis, de armas de destruição em massa..."

Politicamente a idéia básica aceita no seminário é a de que na nova ordem mundial, pontifica, com hegemonia militar dos EEUU. Frente aos conflitos que sobrevivem, ou se desenvolvem, ou surgem, os EEUU portam-se como polícia do mundo. Num sentido mais amplo, os EEUU, com as demais potências da atualidade, apre-

sentam-se assumindo a manutenção da nova ordem, ou seja, da situação atual que lhes é amplamente favorável. Eles são os gendarmes do mundo de hoje, os americanos à frente.

É neste contexto que "estas potências", como disse o almirante, "passam a considerar as forças armadas dos países em desenvolvimento como desnecessárias". A segurança externa estaria garantida pelos EEUU.

O novo papel das forças armadas sul-americanas, segundo pensam os americanos, vem desse enfoque da situação presente: "deverão voltar-se para o combate ao narcotráfico, para as ações de proteção ao meio-ambiente e para as tarefas relacionadas com os problemas internos". O almirante Vidigal acrescenta que, "forças armadas assim direcionadas, não necessitam de sofisticados sistemas de armas..."

Esse pensamento estratégico americano já é hoje razoavelmente divulgado. Até reuniões com oficiais superiores sul-americanos já ocorreram com o objetivo de divulgá-lo. O almirante

Vidigal chega a dizer que "hoje, essas idéias já se tornaram as idéias oficiais do governo dos EEUU..."

A super-potência americana, com a arrogância infinita de que hoje está possuída, pretende impor aos países da América do Sul este ponto de vista neo-colonialista. Notícias dão conta de que já estão conseguindo vitórias no contato com forças armadas de alguns vizinhos.

No seminário referido, entretanto, houve aplausos quando, tratando dessa questão, o almirante Vidigal declarou: "a aceitação dessa maneira de ver os problemas atuais da América Latina representa conformação a um neo-colonialismo, abdicação da soberania pelos países latino-americanos".

## Interesses nacionais

A compreensão da nova ordem internacional, posta nestes termos, estabelece o patamar de entendimento entre todas as forças preocupadas com a soberania nacional gravemente ameaçada. A consciência que setores militares e civis podem desencadear, de que no passado, formularam suas doutrinas estratégicas em função de interesses alienígenas será indispensável para um posicionamento diferente, nos dias de hoje. Assim é que, saudamos a conclusão anunciada pelo almirante Vidigal: "é chegado o momento de as forças armadas da América Latina orientarem-se mais pelos interesses nacionais de seus países, como identificadas pela sociedade".

O exitoso seminário recém realizado na Câmara dos Deputados, a despeito de divergências e pontos de vista diferenciados, mostrou a necessidade de uma atividade mais intensa e mais articulada, entre civis e militares, com o objetivo de produzir, com a sociedade e seus setores representativos, um conceito estratégico verdadeiramente moderno de significado atual da defesa nacional.

## O último pincel fajuto

CARLOS CHAGAS

Jornalista e professor da Universidade de Brasília

Certas coisas precisam ser repostas em seu verdadeiro lugar. Até o demissionário ministro Jorge Bornhausen ofereceu ao presidente Fernando Collor uma safada baseada na modernidade. Se o Congresso votasse antes de 30 de setembro projeto e emendas referentes à reforma econômica, estaria justificada a renúncia imediatamente posterior. O Presidente não aceitou a renúncia, mas bateu firme na tecla modernosa, aliás, como tem feito há meses. Julga-se o unguento dos deuses ao promover alterações econômicas baseadas na livre concorrência entre quantidades desiguais, na desestatização que enfraquece o poder público e fortalece as corporações estrangeiras e na lei do mercado, que nunca foi lei, mas ucasse dos poderosos para subjugar as massas.

Valeria botar um ponto final nesta pantomima. A dita modernidade nada mais tem sido do que um engodo. Um mecanismo capaz de aumentar os privilégios dos privilegiados.

Ou alguém já se deu ao trabalho de indagar do povo o que ele acha disso? Mesmo sem a pergunta, a resposta está nas ruas. A indignação da sociedade diante de Collor e das denúncias de corrupção tem suas raízes na insatisfação geral. No empobrecimento de todo mundo, menos de certas elites macomunadas com a "modernidade", ainda que, ingratas, agora também joguem pedras no Presidente. Merecidas, aliás, mas não pelo punho dessa minoria de eternos aproveitadores.

O que é modernidade? Subirem todos os preços, no fim do mês, e até muito mais do que a inflação, mas ficarem os salários congelados? Crescer o desemprego em progressão geométrica? "Permitir" que entre patrões e empregados só exista a velhaca livre-negociação, que nada mais é do que a negociação entre a guilhotina e o pescoço, já que ao assalariado não é dado sequer recusar a proposta do empresário, porque outra ele não encontrará?

Modernidade significa poderem os bancos cobrar juros imorais e os pimpolhos, filhos dos poderosos, terem acesso aos

carrões importados a aos computadores de última geração, enquanto a maioria absoluta da população passa fome, não tem onde morar e só vai ao hospital em caso de atropelamento?

Livre-concorrer com a indústria estrangeira, sem o apoio do Estado, é antes de tudo burrice, porque as nações desenvolvidas são as que mais lançam mão de seu poder público para ampliar suas vantagens. Ou alguém consegue exportar para o Japão um grão de arroz que seja? O trigo produzido pela Comunidade Econômica Européia é amplamente subsidiado para chegar ao Terceiro Mundo em condições de sufocar qualquer tentativa maior de produção. O trigo, só, não. Toda a agricultura do velho continente. E quanto aos remédios que vêm dos Estados Unidos? Somos utilizados como cobaia. Se tal fórmula dá certo, depois de testada em nossas crianças, ótimo. Mas se não dá as sequelas ficam por aqui, enquanto são proibidas lá.

Não teria fim a ladainha de absurdos. Em nome da modernidade, somos o maior produtor de suco de laranja do mundo.

Quantos brasileiros, porém, conseguem tomar um copo de laranja no café da manhã ou durante o dia? Somos o segundo produtor de soja do mundo e o maior exportador. Só que nosso povo não tem o hábito da soja e, por isso, ela volta em forma de carne bovina, porque serviu para engordar os rebanhos do mundo desenvolvido. E ainda importamos carne.

Vai por aí e muito mais a tal modernidade que sobrou como último e fajuto pincel em que se agarra o presidente Fernando Collor, já sem escada para sustentar-se. A hora seria, portanto, de aproveitar a provável mudança de presidente para repensar esse chavão danoso e hostil ao País. Porque não consultar a população, e não os potentados, a respeito dos novos rumos a seguir? E seria bom que as duas mudanças acontecessem o mais breve possível. Caso contrário, arriscamo-nos a perder, além da vergonha, a soberania e as condições de continuarmos existindo como Nação. Iremos nos transformar em quinta colônia completa dos modernos, envelhecendo cada vez mais.

## NACIONAL

## Collor com dias contados

MOACYR DE OLIVEIRA FILHO  
de Brasília

O Plenário da Câmara dos Deputados deve autorizar o processo contra o presidente Fernando Collor por crime de responsabilidade, acatando a denúncia entregue pelos presidentes da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, e da OAB, Marcelo Lavenère. A partir daí, a denúncia será remetida ao Senado Federal, encarregado de processar e julgar o Presidente da República. No momento em que o Senado instaurar o processo, Collor será automaticamente afastado da Presidência da República por 180 dias até a decisão final.

Na terça-feira da semana passada, o Presidente da Câmara dos Deputados, Ibsen Pinheiro, anunciou oficialmente o rito processual que será adotado na apreciação da denúncia contra Collor. Combinando os artigos 51 e 86 da Constituição Federal, com dispositivos da Lei nº 1.079 e do Regimento Interno da Câmara, Ibsen decidiu que cabe à Câmara apenas autorizar o processo contra o presidente. Assim, a denúncia será submetida a uma única votação, com quorum qualificado de 2/3 e votação ostensiva nominal, ou seja, aberta.

Inicialmente o Presidente da Câmara havia definido que o Presidente da República teria cinco sessões para apresentar a sua defesa prévia mas, diante do recurso do Planalto - que queria vinte dias para tal fim - o Supremo Tribunal Federal (STF) acabou por definir que a defesa deve se dar em dez sessões da Comissão Especial.

O novo prazo dilatado significa que a manobra protelatória de Collor surtiu um efeito parcial mas não muda substancialmente as coisas. A decisão de Ibsen Pinheiro levava em conta os interesses urgentes da Nação e a consideração de que será no Senado Federal, com o processo já instaurado que Collor poderá exercer em toda a plenitude o direito de defesa. Com a decisão do STF pode ser que o impeachment seja votado na Câmara somente após o pleito de 3 de outubro próximo. Nesse caso os parlamentares fisiológicos e reacionários se sentirão mais à vontade para votar contra os interesses populares.

A Comissão Especial, instalada na terça-feira da semana passada, tem 49 membros e os deputados Gastho-



O presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, decidiu pelo voto aberto

ne Righi (PTB-SP) da tropa de choque governista, como presidente e Nelson Jobim (PMDB-RS), como relator.

Integra a Comissão também o deputado Aldo Rebelo, líder do PCdoB na Câmara Federal. As projeções iniciais indicam um placar de 32 votos a favor e 16 contra o impeachment.

## Desespero

Mais uma vez, os governistas, ao invés de contestarem com provas as acusações contra Collor, preferem esgrimir discutíveis argumentos jurídicos para questionar o rito processual estabelecido pelo Presidente da Câmara. Essa estratégia revela, por si só, a fragilidade dos defensores do governo. Incapazes de apresentar provas que possam livrar Collor do impeachment, os governistas apelam para tumultuar o processo, numa tentativa de evitar o inevitável impedimento do Presidente.

Definido o rito processual, continuam as articulações a favor e contra o impeachment. Do lado dos que defendem o afastamento de Collor, a estratégia definida é intensificar as mobilizações populares e as articulações em busca dos 366 votos necessários para autorizar o processo contra o Presidente da República. Projeções iniciais indicam que esse número já está garantido, inclusive com certa margem de folga, principalmente de-

pois da definição pelo voto em aberto.

## Jogo sujo

Do lado governista, o jogo é bruto. A tropa de choque collorizada, comandada pelos deputados Roberto Jefferson, José Lourenço e Gasthoni Righi, pelo senador Odacir Soares, pelo ministro Ricardo Fiúza e pelos presidentes do Banco do Brasil, Lafayette Coutinho e da Caixa Econômica Federal, Álvaro Mendonça, retomam com intensidade a surrada prática política do "é dando que se recebe" com o objetivo de reverter a tendência pró-impeachment da ampla maioria dos deputados. Na prática, oferecem verbas oficiais, cargos no governo e dinheiro vivo para comprar os 168 votos que podem impedir o afastamento de Collor.

Informações veiculadas pela imprensa e comentadas nos corredores da Câmara dos Deputados indicam que a cotação do voto a favor de Collor está em alta.

No início da semana passada, antes da definição do rito processual, a tabela oscilava entre os 500 mil dólares, para a ausência no plenário, na hora da votação, a dois milhões de dólares para o voto aberto, sendo que, no caso de voto ser secreto, o preço ficava em um milhão de dólares. Com a confirmação do voto aberto, essa cotação deve subir ainda mais nos próximos dias.

## Elites políticas forçam pacto

Certas de que o impeachment do presidente Collor será aprovado pelo Congresso Nacional, as elites políticas e empresariais brasileiras começam a se movimentar no sentido de costurar um grande acordo capaz de assegurar os seus privilégios no futuro governo de Itamar Franco.

Nesse sentido, atuam em duas direções. Numa, tentam dirigir o processo de transição, tutelando o vice-presidente com o objetivo de ocupar espaço político no novo governo e evitar mudanças profundas no projeto neoliberal até aqui desenvolvido. Noutra, buscam espalhar a cizânia entre as forças de esquerda, reeditando velhos e surrados fantasmas, como o perigo

de influência que a esquerda em geral e os comunistas, em particular, poderiam ter no governo de Itamar Franco.

Um exemplo desta estratégia das elites é a nota, publicada na coluna do Estadão, na edição do "Estado de São Paulo" do dia 9 do corrente, assinada pela jornalista Eliane Cantanhede, onde se insinua que um encontro do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, com o vice-presidente Itamar Franco, poderia contribuir para tirar votos favoráveis ao impeachment, ajudando o presidente Collor a se manter no poder.

A propósito dessa nota, o líder do PCdoB na Câmara, Aldo Rebelo, enviou um fax à jornalista, onde, depois

de sintetizar a trajetória política do PCdoB nos seus 70 anos de existência, afirma: "Estranhamos o tom preconceituoso e discriminatório com que V.S. se referiu ao nosso Partido. Tal referência induz o leitor ao entendimento de que o PCdoB deveria se omitir da luta pelo impeachment do Presidente Collor, para não atrapalhá-la. Não podemos concordar com isso. Para nós, essa visão preconceituosa e discriminatória carrega um forte componente anti-comunista, com o qual, esperamos, V.S. não compartilhe. Queremos impedir que o PCdoB exerça em plenitude sua ação política e o mesmo que condená-lo à clandestinidade, como fez a ditadura militar".

## Impeachment para projeto neoliberal

JANDIRA FEGHALI  
Deputada Federal PCdoB-RJ

Os presidentes da Associação Brasileira de Imprensa e do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil acabam de encaminhar o pedido de impeachment do presidente da República à Câmara dos Deputados. Nas praças, nas ruas, em todos os cantos do Brasil, o povo grita "Fora Collor".

Por que será que tanta gente vai às ruas, trocando o verde-amarelo usurpado pelo preto de luto e luta pela "nossa Pátria-mãe tão distraída... subtraída em tenebrosas transações", como diz Chico Buarque? Será que é só para combater a corrupção comandada da Casa da Dinda? Será que é só para afastar um homem corrupto da presidência da República?

O impeachment é um passo fundamental. Mas não basta. Para que o País viva dias melhores será preciso, também, mudar os rumos da política econômica lesiva ao Brasil e ao seu povo. E isto não é o que querem determinadas forças hoje identificadas pela palavra-de-ordem da "governabilidade". O que desejam, na verdade, é um governo colorido sem "Collor". Um governo cinzento, de fome, que essas forças chamam de "modernidade". Um governo que mantenha um índice de inflação que impeça o acesso do povo aos gêneros de primeira necessidade. Ora, o que essas forças de "modernização" desejam é, mais uma vez, fraudar os interesses do povo brasileiro mobilizado nas ruas.

Com esse programa não concordamos. O Brasil, em nossa opinião, deve mudar de cara mas deve mudar também de rumo. Devemos afastar os corruptos da administração da coisa pública. Mas devemos também desprivatizar o Estado, hoje a serviço dos monopólios. Devemos garantir um governo que seja ético. Mas cu-



Jandira

ja ética se traduza materialmente em melhores oportunidades de uma vida melhor para os milhões de brasileiros que trabalham ganhando pouco e para os que não trabalham por falta de emprego. Que se moralizem as práticas políticas nesta terra. Mas que a terra seja garantida aos que nela trabalham.

O povo já está farto de discursos e de promessas. Na batalha do impeachment, tem aprendido que o País não será salvo por nenhum herói, por nenhum salvador da Pátria. Tem aprendido que a tão apregoada modernização na verdade é o nome da manutenção dos privilégios para as mesmas elites, que sempre viveram às custas da maioria, locupletando-se com o dinheiro público.

O povo brasileiro já foi enganado várias vezes. O Brasil não admite ser frustrado novamente. E, por isso, grita "Fora Collor" mas grita também "Fora o FMI e a política neoliberal". O Brasil quer o afastamento do presidente corrupto mas quer também que se afaste o ministro Márcio Marques Moreira, "delegado das finanças internacionais no Brasil", conforme as suas próprias palavras publicadas pela revista "Veja".

Há 200 anos exatamente, os jacobinos proclamavam a segunda e a mais profunda Revolução Francesa. Um dos motes que os moviam era justamente o combate à corrupção e aos privilégios de alguns poucos. Hoje o Brasil vive uma situação de alguma maneira semelhante. Se certos membros de nossas elites insistirem em agir como Maria Antonieta, fechando os olhos para a profunda significação das mobilizações de nossa população ter que enfrentar os Robespierres que brotam no seio dos "sans-culottes", os des-camisados.

## Mobilizar a classe operária é o desafio

JOÃO BATISTA LEMOS

Membro do CC do PCdoB

O movimento de massas nas ruas precipitou o desfecho da crise política. Destacadamente, através do movimento estudantil, encabeçado pela UNE e UBES. Amplos setores da sociedade ganharam as ruas contra a corrupção, pelo "Fora Collor". Generalizou-se a opinião pública do impeachment. Collor, acuado, tenta, inutilmente, a contra-ofensiva.

As massas trabalhadoras não revelaram ainda toda sua capacidade de luta nestas grandes jornadas. Não fizeram refletir sua revolta contra a política neoliberal de Collor.

Foram registradas, desde o início do governo Collor até o final de dezembro de 1991, 1.524 paralisações, que envolveram 20.411.681 trabalhadores e significaram 211.845 horas paradas, contra a política de arrocho e recessão do governo. As greves do setor público envolveram 59,1% e do setor privado 38,6%, segundo dados do DESEP.

Se não fossem estas lutas, e mais as greves realizadas este ano, a situação estaria ainda pior para os trabalhadores. Os salários são rebaixados e uma massa enorme de trabalhadores perde seus postos de trabalho através também da forma aleatória em que são implementadas as novas tecnologias e processos de trabalho nas empresas de ponta da produção e de serviços. Os dados concretos mostram as dificuldades objetivas de mobilização da classe operária diante desta recessão prolongada. Porém, outros problemas existem. O primeiro é a divisão do movimento sindical, levado pela Força Sindical, pró "modernidade" e pelo capital. Mas o outro é ainda o corporativismo e burocratismo nas direções sindicais.

A crise no país é de caráter estrutural, exige saídas globais, mais radicais, que envolvam a maioria da população. Exige um sindicalismo capacitado, que apresente alternativas de ruptura e não de conciliação com o projeto neoliberal. Um sindicalismo que privilegie a mobilização e a luta dos trabalhadores em defesa dos interesses nacionais e de classe e não a negociação, levando em conta a atual correlação de forças.

### Qualidade superior

Nesta direção, o momento é privilegiado e oportuno. São dois os grandes desafios para o movimento sindical combativo e classista para intervir no rumo da vida política do país.

Levar com rapidez e de forma consequente as resoluções de Brasília, da Executiva Nacional da CUT: de participar unitária e ativamente de todas manifestações pelo "Fora Collor", de chamar uma greve geral para garantir o impeachment durante a votação, denominando-a de paralisação cívica nacional para derrubar Collor e sua política, demarcando aí campo com a "Farsa Sindical". Isto poderá promover este grande movimento a um novo patamar, qualitativamente superior, com a participação da classe operária, juntamente com os estudantes e os amplos setores da sociedade, o que deverá influir na correlação de forças para o desfecho da crise.

O segundo desafio é de dar todo apoio político e concreto, nesta reta final das eleições municipais, aos candidatos comprometidos com os interesses dos trabalhadores. A fim de se conquistar melhores posições para barrar o projeto neoliberal e avançar na luta pela conquista do socialismo em nossa terra.



# Juventude aprende a

**Causa surpresa a muitos setores a resposta que a juventude vem dando à situação em que se encontra o Brasil. Explicações as mais diversas são procuradas, comparações são feitas, alguns responsabilizam a minissérie "Anos Rebeldes". Nas ruas, milhares de jovens estudantes descobrem a política, gritam que querem participar, procuram espaço e se conscientizam, passando ao largo dos que pretendem tornar esse movimento apolítico, como se fosse mais uma moda.**

**Os estudantes que chegavam em grupos, com suas bandeiras e palavras de ordem, para se concentrar no MASP, no dia 25 de agosto, demonstraram que esse movimento não é tão espontâneo como tem sido dito na grande imprensa. Em cada sala de aula surgem lideranças que reconhecem na União Nacional dos Estudantes e na União Brasileira de Estudantes Secundaristas uma forma de organização. As duas principais lideranças dos estudantes, Lindbergh Farias, presidente da UNE, e Mauro Panzera, coordenador da UBES, falam dos motivos que levaram os estudantes à luta e da perspectiva do movimento estudantil.**

GUIOMAR PRATES

**Classe** - Quando parecia existir uma grande apatia política e uma certa perplexidade com a aplicação do projeto neoliberal no Brasil, os estudantes foram primeiro às ruas. O que levou a essas manifestações?

**Lindbergh** - O principal motivo é que hoje a bandeira do Impeachment de Collor unifica todo o sentimento de rebeldia que tem a juventude, aglutinando seus vários segmentos, desde o estudante da escola particular, que luta contra o aumento das mensalidades, o da escola pública, que é contra o corte de verbas do CNPq, até o que tem uma banda de rock

Berlim, em Los Angeles, na Coréia... foi assim no período da ditadura militar no Brasil e está sendo assim hoje.

A juventude, apesar de influenciada pelos ventos do Leste europeu, de receber uma mensagem individualista da grande mídia, que aproveita para afirmar que acabou a possibilidade de transformação, que morreu o socialismo, não aceita essa mensagem de ceticismo. Por pensar em seu futuro pessoal, acha que pode modificar o país, quer um Brasil diferente e procura perspectivas. Eu acho que a crise do país, a realidade objetiva, está passando por cima desse elemento subjetivo. Apesar da propaganda, os jovens estão vendo que é preciso se unir



**Mauro:** "A corrupção no Planalto detonou as mobilizações mas não foi o único fator."



**Lindbergh:** "A juventude quer um Brasil diferente e procura novas perspectivas"

e encontra restrições para expor o seu trabalho.

**Classe** - Mas alguns diziam que o movimento estudantil não tinha mais papel a cumprir...

**Lindbergh** - Era errado dizer que o movimento estudantil e que a UNE tinha acabado. O que faltava era algo que traduzisse toda a insatisfação. É característica da juventude entrar na luta quando a crise na sociedade atinge níveis elevados, e quando os canais democráticos de participação do povo estão fechados. Foi assim no Leste europeu, na derrubada do Muro de

para modificar as coisas.

**Mauro** - O problema é que a juventude foi muito atingida pelo projeto de Collor. Neste ano, cerca de sete milhões de livros que, tradicionalmente são distribuídos aos estudantes da rede pública, ficaram presos na FAE e não foram entregues por problemas burocráticos; um grande número jovens sai das escolas e não tem onde trabalhar, milhares estão desempregados. A corrupção do Planalto foi o que detonou as mobilizações, mas não é o único fator.

**Classe** - As mobilizações são mesmo espontâneas, como afirmam os grandes

jornais do centro do país?

**Lindbergh** - A convocação da primeira passeata não foi divulgada em nenhum jornal. A UNE e a UBES marcaram o ato, passaram em sala de aula e colocaram 20 mil estudantes na Avenida Paulista, em São Paulo, dando um susto no Brasil. Depois a imprensa ficou na dúvida, mas continuou insistindo nisso. A gente vai para as passeatas e vê os estudantes gritarem "a UNE somos nós, nossa força, nossa voz"; muitas pessoas ligam para a sede das entidades querendo trabalhar, um grande número de DCEs e Centros Acadêmicos se incorporam ao trabalho. A respeitabilidade que a gente tem no meio dos estudantes fez com que a imprensa recuasse um pouco. Estão respeitando mais a UNE e a UBES agora.

**Classe** - É possível avaliar o nível de consciência dessa juventude que vai às ruas?

**Mauro** - É uma consciência em transformação, em evolução. A politização está aumentando, tanto que hoje já se discute o problema do projeto de Collor entre a juventude. Isso é demonstrado também pela maior organização das entidades estudantis. Em torno de 200 novos grêmios foram construídos desde a primeira passeata, em 11 de agosto. A bandeira do Impeachment tem motivado tanto que gera a possibilidade da capitalização orgânica, tem feito com que os estudantes se organizem cada vez mais.

**Classe** - Como se articulam as forças de esquerda no movimento estudantil? A direita encontra espaço para atuar nesse segmento social?

**Lindbergh** - A direita não tem participação organizada no movimento estudantil, porque a juventude tem como característica exigir mudanças e transformações. É difícil impor a um jovem um projeto de direita. Nesse momento, o que a juventude quer é passar por cima desse modelo da conservação do status quo.

No movimento estudantil, principalmente na Universidade, atuam as mais diversas forças políticas e a diretoria das entidades tem refletido este caráter amplo da composição do movimento estudantil. Nos últimos três anos foi construída uma maior maturidade no relacionamento entre as forças políticas, o que torna possível trabalhar a pluralidade de pensamento dentro das entidades.

O sectarismo é a divisão estando dando lugar a essa tentativa de construir a unidade no dia-a-dia das atividades.

**Classe** - Na UBES, até pouco tempo, existiam duas estruturas, duas diretorias. Como está se dando a unificação da entidade?

**Mauro** - Esse processo de unificação é extremamente importante para o movimento estudantil. Num momento de crise, quando tentam enquadrar o Brasil numa nova divisão internacional do trabalho, que é o que fazem os países ricos, é importante que as entidades estejam unificadas e fortalecidas, que a UBES tenha uma só representação. Nos



Estudante

locais onde dividido, precisamos Devemos procurar e coisas é a mundial, todas as a os problemas do país. Classe - O estudantil. Mauro - da UJS, comport estudantil o mais ge da atuação presente movimen precisamos realidade que poss opinião perspectiv Classe - e qual é movimen

NACIONAL

# de a fazer política nas ruas

la primeira  
m nenhum  
marcaram o  
colocaram  
a Paulista,  
o no Brasil.  
úvida, mas  
A gente vai  
estudantes  
nossa força  
gam para a  
trabalhar,  
e Centros  
o trabalho.  
nte tem no  
om que a  
aco. Estão  
BES agora.  
o nível de  
que vai às

ência em  
lução. A  
tanto que  
do projeto  
de. Isso é  
la maior  
estudantis.  
nãos foram  
a passeata,  
ra do Im-  
to que gera  
o orgânica,  
dantes se

s forças de  
udantil? A  
atuar nesse

a não tem  
da no mo-  
orque a ju-  
racterística  
ransforma-  
um jovem  
ta. Nesse  
ntude quer  
se modelo  
tus quo.

studantil,  
versidade,  
sas forças  
toria das  
tido este  
posição do  
ntil. Nos  
construída  
idade no  
as forças  
a possível  
idade de  
entidades.  
tão dando  
onstruir a  
idades.

co tempo,  
diretorias.  
icação da

ificação é  
e para o  
momento  
quadrar o  
ernacional  
os países  
entidades  
das, que a  
ação. Nos



Leandro Schillpato

Estudantes carregam bandeira das entidades na passeata do dia 25

locais onde o movimento ainda está dividido, como em Brasília ou Recife, precisamos romper com o sectarismo. Devemos ser cada vez mais amplos, procurar entender que hoje o que rege as coisas é a política nacional, é o problema mundial, e, a partir disso, devemos fazer todas as alianças possíveis para resolver os problemas do movimento estudantil e do país.

**Classe - Como a UJS atua no movimento estudantil?**

**Mauro -** É essencial que, hoje, a gente, da UJS, altere a nossa forma de comportamento no movimento estudantil, que não pode continuar sendo o mais geral possível do ponto de vista da atuação concreta. É preciso estar presente nas escolas, construindo ali o movimento estudantil. Os militantes precisam estar mais vinculados à realidade concreta dos estudantes, para que possa sair dessas mobilizações a opinião política mais avançada, a perspectiva mais correta.

**Classe - Como a juventude vê o PCdoB e qual é o papel dos comunistas no movimento estudantil?**

**Lindberg -** O PCdoB é um partido que se preocupa com a juventude, por isso temos uma atuação organizada nos movimentos universitário e secundarista. As universidades e escolas são locais propícios ao debate de idéias, então é normal que um partido como o nosso, que quer construir o socialismo no Brasil, tenha espaço entre a juventude. Não é surpresa, como pensam alguns. Nós, militantes do PCdoB, fazemos a relação concreta de cada problema da juventude com os problemas gerais. Isto é o que diferencia o militante do PCdoB. Com essa relação, conseguimos mostrar para as pessoas que estão presas às suas questões individuais, o sentido mais amplo da nossa luta. Outro motivo da nossa influência é a defesa do socialismo, que continua, apesar da mídia, sendo referência para parcela da juventude.

De imediato, a juventude quer acabar com a corrupção, a fome e a miséria. Para a maioria, a perspectiva para a formação política que ela vai formando sua opinião sobre os rumos que o país deve tomar. É dever dos

comunistas mostrar que o sonho da juventude, de modificar o Brasil da corrupção, dos PCs e Claudios Vieira, está ligado com a necessidade de transformar a estrutura da sociedade e construir o socialismo. Temos que fazer a ligação entre o aspecto moral da crise e o projeto neoliberal.

**Classe - A UNE e a UBES participam do Fórum pela Ética na Política. Que ética é essa?**

**Mauro -** É que mesmo dentro do que é dito da moral burguesa, oficialmente, Collor passou dos limites. E isso formou um sentimento na Nação de que o roubo é um crime muito grande. O presidente da SBPC, Enio Candotti, costuma dizer que a honestidade não deveria ser elogio, mas condição básica do ser humano. Isso mostra que o problema da corrupção, no Brasil, ultrapassou as fronteiras da concepção burguesa de moral. Nós procuramos tratar não apenas do problema da honestidade, da corrupção, mas mostramos que imoral é a aplicação do projeto neoliberal e a miséria em que o povo vive.

**Lindberg -** A moral, a ética e a democracia não são valores universais. São dependentes do modo de produção dominante e estão a serviço da classe dominante. No capitalismo, a moral hegemônica está a serviço da manutenção da ordem vigente. No socialismo, a moral será proletária, assim como a democracia e o direito. Digo isto, porque é importante resgatar o sentido classista destes termos, que hoje são instrumentos de uma luta.

Achamos importante mostrar que, para nós, a moralidade e a ética são conceitos ligados aos interesses da classe que defendemos. Procuramos sair só do plano subjetivo e levar para o econômico, mostrando que é preciso mudanças estruturais na sociedade, para que a partir delas, da construção do socialismo, seja possível erguer uma nova moral e uma nova democracia. Os problemas não se resumem a Collor ter ou não roubado, mas são problemas inerentes ao sistema social e econômico.

Então, é preciso alterar essa realidade para alterar a moral. É bem como a gente diz, esse quadro de corrupção é uma característica do capitalismo.

**Classe - Passadas as mobilizações pelo impeachment, qual é a perspectiva do movimento estudantil?**

**Lindberg -** Nós já estamos preocupados com os rumos do próximo governo. Achamos que Itamar deve assumir trazendo mudanças para a sociedade. Não adianta sair o Collor e ficar Marcílio, com o mesmo projeto econômico, recessivo e dependente. Nessa nova fase vai se dar também um processo de mobilização.

Nosso objetivo é manter os estudantes nas ruas e aumentar a organização das entidades, fortalecendo DCEs, centros acadêmicos e grêmios estudantis, para que interfiram nas mudanças que o país exige. Para que lutem pela educação de boa qualidade, pela soberania nacional, em defesa do patrimônio público. É impressionante o número de pessoas que nos procuram dizendo que querem ser militantes do movimento estudantil. Mesmo assim, precisamos saber que o movimento social é feito de ondas, existe ascensão e refluxo. As entidades devem aumentar sua organicidade para responder bem a esses dois momentos.

**Mauro -** Acho que esta onda de mobilizações veio para ficar, mas para isso precisamos manter uma sintonia com os estudantes, defendendo suas aspirações e enfrentando os problemas do dia-a-dia.

A tendência é que esse movimento se torne mais politizado. Na passeata do dia 25, as palavras de ordem já eram contra o FMI, contra Marcílio, extrapolavam o problema da corrupção. A nossa próxima passeata, dia 16, em São Paulo, vai se caracterizar por um conteúdo mais profundo.

A UNE e a UBES estão lançando a Carta da Juventude que vai precisar melhor as principais reivindicações de um Brasil sem Collor. Esse documento vai ser a nossa plataforma e será divulgado em todos os atos.



**CDM**

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Dirigentes da UNE e da UBES comandam a passeata dos estudantes em São Paulo

## ELEIÇÕES

## A direita será derrotada

DILERMANDO TONI

Em todo o Brasil e sobretudo nas capitais nota-se uma sensível modificação na tendência de voto do eleitorado. Com o encerramento dos trabalhos da CPI, os candidatos de direita ou ligados ao governo desabam nas pesquisas. Tal é o caso de Paulo Maluf em São Paulo que quis dar uma de esperto tentando se desvincular de última hora de Collor e de PC Farias. Em seus programas de TV chegou a defender o impeachment e falar que apoiava as manifestações de rua. Sua postu-

Maurício Campos, da coligação de direita - PL, PFL, PDS, PRN - estagnou nos 23% segundo a última Datafolha. Ao mesmo tempo em que o candidato da Frente BH Popular - PT, PCdoB, PSB - Patrus Ananias cresce rapidamente. Ele já está com 18% no Datafolha e 19,8% no Instituto CP-2, ou seja, salta de 4º para 2º lugar, empatado com o candidato do PMDB.

Em plano nacional a correlação de forças políticas pende para o lado das forças democráticas e populares e é exatamente isso que pode ajudar na vitória de um bom número

Em Mogi Guaçu - SP onde o PCdoB concorre à prefeitura com Dênis Carvalho, tem-se a notícia de que os partidos conservadores se reuniram e decidiram usar de todos os expedientes para tentar evitar que Dênis, primeiro colocado nas pesquisas, consolide sua vitória. Em Belém, onde a candidata a prefeita pelo PCdoB, Socorro Gomes, já está com 23% nas pesquisas, em segundo lugar, e com grandes chances de passar à disputa do segundo turno, os ataques vêm da direita e também dos candidatos Ademir Andrade (PSB) e José Carlos (PT) que fizeram da candidatura de Socorro seu alvo predileto. Com essa atitude descabida os dois transformam-se em força auxiliar da direita comandada por Hélio Gueiros (PRN, PFL, PDS).

## Ofensiva na reta final

O PCdoB e seus candidatos a vereador e prefeito se sentem muito à vontade para manter uma atitude intransigente frente ao governo Collor que chega ao fim. Afinal de contas, o partido foi o primeiro que adotou o "Fora Collor", denunciando ademais da corrupção, as mazelas que a aplicação do projeto neoliberal têm causado a nosso povo. Portanto, não há em que recuar um milímetro que seja. Ana Martins e Vital Nolasco reafirmaram todas as suas denúncias na TV. O desmascaramento do neoliberalismo é um traço que nessa hora decisiva, distingue os candidatos do PCdoB tanto dos oportunistas que tentam pegar uma carona e nas manifestações populares contra Collor, como dos candidatos da oposição conservadora.

Um bom exemplo de campanha do partido, é o que faz Sérgio Miranda, candidato à reeleição para a Câmara Municipal de Belo Horizonte. Lá, o PCdoB lança mão da criatividade e "casa" a campanha com as mobilizações populares. Essa ofensiva começou no "domingo de luto" quando uma enorme faixa preta de Sergio com os dizeres "Nossas cores estão envergonhadas" teve grande repercussão na imprensa, garantindo uma oportuna propaganda gratuita. Na manifestação do dia 25, com 70 mil pessoas, a campanha se apresentou com 40 bandeiras, quatro bandeirões Fora Collor - PCdoB - Sérgio Miranda. Materiais específicos têm sido produzidos para cada oportunidade e assim a campanha vai se avolumando. Prova disso são os manifestos de apoio que têm saído de diversas áreas, entre os quais se destaca o de 150 professores "puxado" por lideranças da categoria, como o presidente do Sindicato dos Professores Newton de Souza, o UFMG chefe do departamento de pediatria, Roberto Assis.



"Nossas cores estão envergonhadas" foi o lema de Sérgio Miranda no ato

ra oportunista, entretanto, voltou-se contra ele próprio. Na última pesquisa do Datafolha ele caiu 1% ao dia.

No Rio de Janeiro, quem cai é o candidato do PRN, que estava em segundo lugar; em Salvador, despenca o candidato que ACM apoia e já era tido como vitorioso.

## BH, nova situação

Belo Horizonte não se constitui uma exceção desse quadro em mutação que leva a modificações nas posições dos candidatos a prefeito.

de candidatos do PCdoB.

## Direita ataca PCdoB

Apesar de dificuldades de ordem financeira as candidaturas do partido têm crescido o que, por sua vez, tem provocado um ataque acirrado de parte da direita. Em São Paulo, por exemplo, o desmoralizado Collor de Mello, numa atitude inusitada, pediu direito de resposta nos programas de TV dos candidatos a vereador na capital, Ana Martins e Vital Nolasco. (vide opinião pag 3)

## A batalha das cédulas

A luta na boca da urna vai ter uma importância decisiva para a vitória dos candidatos do PCdoB. A atual campanha tem algumas características que ressaltam esse papel. Em primeiro lugar é uma campanha extremamente curta, na qual os tempos de TV foram diminuídos. Em segundo lugar, concorrem candidatos a vereador em número recorde. Acrescente-se a isso a rápida modificação do quadro político nacional e teremos um grande número de eleitores que variam entre a perplexidade, a indiferença e o desconhecimento dos candidatos.

Há um espaço a ser preenchido entre a postura de vanguarda que o PCdoB tomou exigindo o Fora Collor e a identificação dessa posição - de amplo respaldo popular -

com os candidatos do partido em escala de massas.

Está colocada portanto a necessidade vital de nessa reta final, todo coletivo partidário, amigos e simpatizantes prepararem-se para o corpo a corpo na boca da urna. O principal material de campanha passa a ser a cédula. Com a garra que caracteriza a militância comunista e a cédula na mão, procurar atingir os lugares de votação mais densos, chegar cedo, conversar amigavelmente com eleitores, sobretudo com os que se mostram indecisos e receptivos, não aceitar provocações, são orientações básicas que um bom "boqueiro" deve seguir. Fora Collor, vote no candidato de PCdoB, nossa mensagem é curta e grossa.

BANCADA  
COMUNISTA

## Lei Jamil dá meia entrada a estudante

Na presença do presidente da UNE, Lindberg Farias, do Coordenador da UBES, Mauro Panzera e de cerca de 500 estudantes, o Governador de São Paulo, Luis Antonio Fleury Filho, assinou dia 3 de setembro a regulamentação final da Lei Jamil Murad (PCdoB) da meia-entrada para estudantes.

Esta lei, sancionada no último mês de março e regulamentada agora, para todos os estudantes de 1º, 2º e 3º graus das redes públicas e particular do Estado de São Paulo. Ela garante desconto de 50% em espetáculos de cinema, teatro, espetáculos circenses, shows musicais, além de praças esportivas, tais como jogos de futebol, vôlei, basquete e outros.

## Jandira amplia benefício

A exemplo do Deputado Estadual paulista Jamil Murad (PCdoB), a Deputada Federal Jandira Feghali (PCdoB - RJ) apresentou projeto na Câmara dos Deputados criando a meia-entrada em espetáculos de cinema, teatro, shows e esportes para os estudantes de todos os graus de ensino do país. A meia-entrada, que, se aprovado o projeto Jandira, será nacional, beneficiará todos os estudantes credenciados com carteirinhas de identificação estudantil emitidas pela UNE e UBES, e pelos Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs). A Deputada comunista justifica seu projeto com a necessidade de incentivar a juventude para o consumo artístico e cultural e beneficiar sua formação intelectual com acesso mais fácil - e barato - às várias manifestações de cultura e lazer.

## Haroldo pela Petrobrás

O Deputado Haroldo Lima (PCdoB - BA) participou, em 28 de agosto, em Salvador, capital da Bahia, de um jantar em defesa do monopólio estatal do petróleo e da Petrobrás. Organizado pela AEPET (Associação dos Engenheiros da Petrobrás), o jantar reuniu personalidades e lideranças sindicais e populares preocupadas com as novas investidas das multinacionais contra a Petrobrás. Na ocasião, foi lembrada a heróica luta do "Petróleo é nosso", na década de 50, e reafirmada a decisão dos setores patrióticos, populares e democratas do país de defender o monopólio estatal do petróleo como condição essencial para a soberania nacional.

## Denise quer universidade

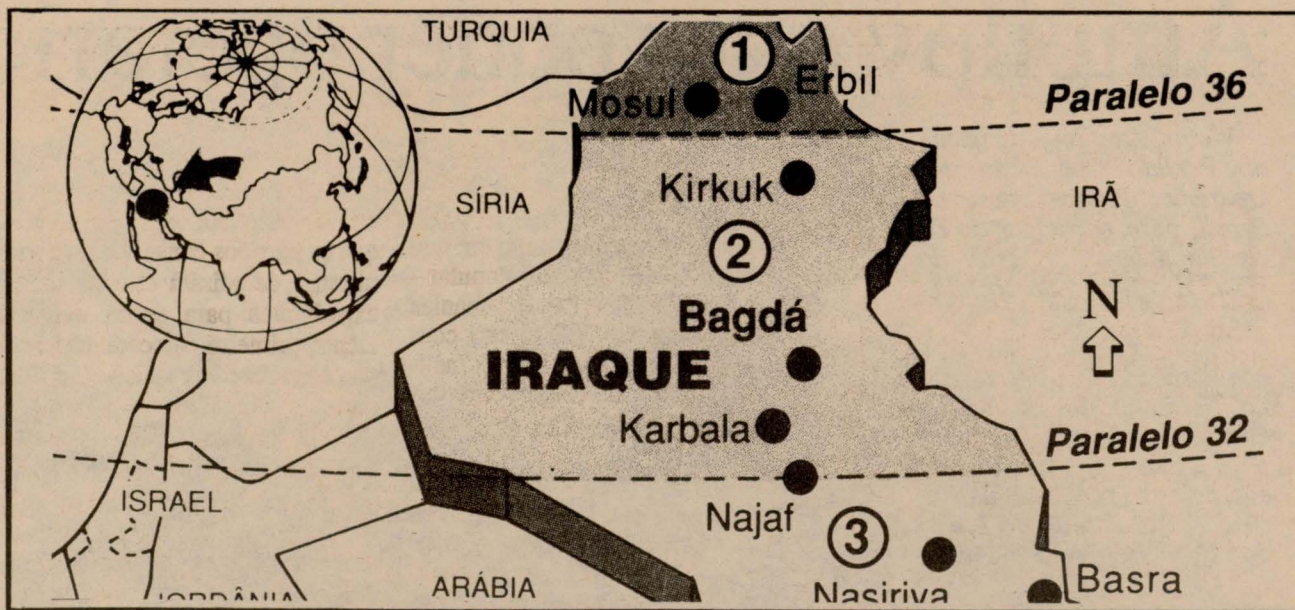
O gabinete da Deputada comunista Denise Carvalho na Assembléia Legislativa de Goiás, promoveu, com apoio da União Estadual de Estudantes, o 2º Seminário sobre o ensino de 3º grau no Estado. Os participantes discutiram uma proposta para a Universidade Estadual de Goiás, que é uma das principais reivindicações dos estudantes goianos, sobretudo os do interior do Estado, e também um compromisso de luta da Deputada Denise Carvalho (PCdoB).

## João Bosco apóia CPI

Por indicação do vereador João Bosco (PCdoB), a Câmara Municipal de São José dos Campos, São Paulo, manifestou-se por unanimidade em apoio ao relatório da CPI da Câmara dos Deputados que incriminou Collor nas falcaturas e corrupções lideradas por PC Farias, amigo íntimo do atual Presidente. O apoio da Câmara de vereadores daquela cidade paulista do Vale do Paraíba, com cerca de 500 mil habitantes, foi expresso em mensagens ao presidente da Câmara e do Senado, integrantes da CPI e presidentes dos partidos de oposição que sustentam o pedido de impeachment contra Collor.



## INTERNACIONAL



Fracionar o Iraque enfraquecerá os países que resistem ao imperialismo

# Bush quer dividir Iraque

LEJEUNE MATO GROSSO  
Sociólogo, professor da Unimep

Outra vez, o imperialismo, sob o comando dos Estados Unidos, tenta encetar mais um golpe contra o povo iraquiano. Desta feita, com auxílio da França e da Inglaterra e usando a ONU como seu instrumento, impõe ao Iraque que não realize vôos acima do paralelo 36 (1 no mapa) e abaixo do 32 (3 no mapa).

Isso, supostamente para "proteger" os curdos que vivem ao norte do Iraque e os muçulmanos xiitas que vivem ao sul do país (sic). Mais de uma centena de aviões supersônicos, caças de guerra dos mais modernos, sobrevoam o espaço aéreo iraquiano, para impor mais essa restrição.

O povo curdo é tão antigo quanto outros povos que vivem na região do Oriente Médio. Sabe-se que nessa conturbada região vivem, além dos árabes que lá estão há milhares de anos, os turcos, os persas, os judeus, os armênios (também espalhados por vários países) e os curdos.

Igualmente como os armênios, os curdos não possuem uma nação e um Estado estabelecido de forma organizada. Vários foram os povos que poderiam ter conseguido os seus territórios históricos, após o término da primeira grande guerra e com o fim do Império Turco-otomano em 1917.

Foram, porém, ludibriados pelas potências imperialistas da época, como a Inglaterra e a França.

Os curdos, hoje, somam mais de 17 milhões de pessoas. Possuem língua, dialetos, tradições, cultura e história própria. Vivem, porém, espalhados entre o Iraque, a Turquia, Irã, Armênia (ex-URSS) e Síria. Desses países todos, o Iraque só abriga 5 milhões de curdos, ou seja, menos do que 30% de toda a população.

Com o controle da mídia mundial pelo imperialismo, não chega, a grande parcela da população, a informação que no Iraque, apesar de não terem seu território próprio,

os curdos vivem em condições de autonomia administrativas nas cidades do norte onde são maioria. Somente no Iraque as escolas são bilingües, ou seja, as aulas são ministradas em árabe e curdo. As repartições públicas dessas cidades possuem hasteadas as bandeiras do Iraque e do Curdistão.

## A questão dos Xiitas

Abaixo do paralelo 32, quase um terço do território iraquiano, concentra-se a maior parte da sua população adepta do xiismo islâmico.

Ao todo, eles somam cerca de 40% da população (curdos e iraquianos somam mais de 60% dos muçulmanos sunitas do país).

Com o término da guerra, quando os EUA tentaram avançar território iraquiano adentro, violando as deliberações da ONU sobre a liberação do Kuwait, eles o fizeram pelo sul e por território com maioria xiita. Chegaram, porém, próximos da cidade de Basra. Ainda que seu objetivo maior fosse derrubar Saddam Hussein, estes acabaram encontrando forte resistência de toda a população e do próprio exército iraquiano, que havia se retirado de forma organizada. Acabara batendo em retirada.

Nesse período conturbado do pós-guerra, o imperialismo fomentou, de todas as formas, as rebeliões contra o governo central de Bagdad. Chegou a promover, em Beirute, uma "reunião" de todos os partidos oposicionistas ao governo de Saddam. Sua estratégia era criar uma espécie de cantão religioso ao sul, sob o controle xiita e que servisse de base contra o governo. Mesmo com o apoio entusiástico de Teerã, através de seus líderes Ali Hashemi Hafsanjani, e Ali Kamenei, isso não prosperou.

## O que pretende o império?

Mais uma vez, a tática de George Bush, candidato à reeleição e a chefe do planeta, é dividir a nação iraquiana. Fracionar o Iraque em 3 partes hoje, de fato, enfraquece-

ria o polo dos países chamados "não aliados" e em desenvolvimento, terceiro-mundistas, que se opõem e oferecem resistência ao imperialismo, especialmente o norte-americano, e defende o controle do petróleo árabe somente pelos árabes.

Isso já foi tentado no Líbano, mas sem sucesso. Queriam dividir a nação libanesa em 8 ou 9 cantões religiosos, onde grupos rivais ficariam com o controle territorial de algumas terras, acabando com o governo central de Beirute, ou tornando-o meramente decorativo.

As divergências de todo o Oriente Médio não são, como a mídia apregoa, de fundo religioso. Elas são ideológicas e têm como centro a questão da luta anti-imperialista ou a aceitação do domínio americano na região. Há divergências quanto a criação do Estado Palestino, democrático, laico e independente; a questão do controle do petróleo; a questão do armamento na região (é bom lembrar que a Síria já é hoje o 4º exército do mundo); a questão do nacionalismo árabe ou panarabismo (criado por Gamal Abdel Nasser, ex-presidente do Egito entre 56 e 70); etc. Isso não elimina, ressalte-se, o papel que desempenha as religiões principais nessa região (islamismo, cristianismo e judaísmo).

É bom ressaltar, finalmente, que mesmo a questão do embargo aéreo ao Iraque é uma questão controversa na própria ONU. O vice-secretário-geral da Organização, senhor Jan Eliassen, em visita ao Iraque, dia 22 de agosto, declarou que "ao contrário das afirmações alegadas, não temos planos de efetuar quaisquer vôos de combate por aviões de asa fixa sobre os pantanos (sul do Iraque), salvo no caso de sofrermos uma agressão por parte do Irã".

O secretário-geral da Liga dos Estados Árabes, Ismat Abdul-Maqeb, salientou a "necessidade do empenho para evitar qualquer escalada que aumente, ainda mais, a gravidade da situação", conforme comunicado da embaixada iraquiana no Brasil, do último dia 25 de agosto.

## Imperialismo age em segredo contra povos

No último dia 1º de setembro, esteve em visita à redação da Classe Operária o camarada Serge Lafortune, do secretariado nacional do Partido Comunista do Canadá (marxista-leninista). Além de uma troca de experiências sobre a imprensa partidária, Serge falou sobre o NAFTA (Acordo para o Livre Comércio da América do Norte), que envolve os EUA, o Canadá e o México e que se encontra em adiantada fase de negociação.

O acordo em questão faz parte da integração de todo o continente americano, da formação do bloco americano, assim como o Mercosul, do novo Pacto Andino e outros, sob a égide dos EUA.

A Classe - Qual a opinião de vocês sobre o NAFTA?

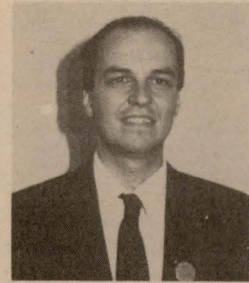
Serge - Já existe um acordo de livre comércio entre os EUA e o Canadá assinado em 1982 e que trouxe consequências muito sérias para a economia canadense e para o povo do Canadá. Muito desemprego e fechamento de fábricas. Agora esse novo acordo que envolve os EUA, o México e o Canadá vai no mesmo rumo. Os imperialistas norte-americanos vão literalmente usar o Canadá como fonte de recursos naturais e os trabalhadores mexicanos como mão-de-obra barata. Esse acordo vai servir aos interesses dos imperialistas americanos e aos grupos financeiros do Canadá e do México.

A Classe - Como o povo vê esse acordo?

Serge - O primeiro acordo ao qual eu me referi encontrou uma enorme oposição popular. Por exemplo, nas eleições de 1988 a grande maioria dos eleitores votou nos partidos que tinham uma posição contra o "livre comércio" enquanto o partido conservador que está no poder hoje, o partido do primeiro-ministro Malrouny, perdeu. Mas nós temos um sistema político muito arcaico, imposto pela Grã-Bretanha, no qual a representação não tem em conta a proporção de votos mas simplesmente o número de deputados eleitos. Então, com uma minoria de votos, o Partido Conservador tem a maioria de deputados.

A Classe - Quais as consequências concretas desses acordos?

Serge - Quanto ao primeiro acordo, posso dar o exemplo da indústria de cerveja e de madeira, onde se registrou uma grande perda de empregos após a assinatura do acordo. Nós prevemos que com o NAFTA haverá uma grande perda de empregos nas



Serge Lafortune

montadoras de automóveis e, também, outras indústrias de origem americana e que se implantaram no Canadá nos anos 60, deverão se transferir para o México porque lá a mão-de-obra é muito mais barata.

A Classe - Como esse acordo se situa no plano político?

Serge - O NAFTA tem uma grande importância política, não pode ser analisado do ponto de vista estritamente econômico porque está em jogo a questão da soberania e da independência do país e da sobrevivência de seu desenvolvimento. Aqui está a questão central da "integração". Os políticos da burguesia dizem que a "integração" é moderna, é o progresso, mas a questão que nós colocamos é a seguinte: a quem beneficia esse progresso?

A Classe - Como são feitas as negociações desse acordo?

Serge - São feitas em grande segredo, sem nada mostrar à população. Em seguida, eles organizam operações, segundo suas próprias palavras, para "vender o acordo", apresentando-o como vantajoso.

Mas os acordos não se materializam.

## Socialismo

## Ampilov quer poder operário

Bienal do Livro: A  
Descoberta da Juventude

JOSÉ CARLOS RUY

Para quem só vê a superfície, a 12ª Bienal Internacional do Livro, realizada em São Paulo, parece mostrar que a cabeça do leitor brasileiro está num beco sem saída. Afinal, da mesma forma, como na Bienal anterior, proliferaram gnomos, elfos, duendes, fadas, e toda a enorme fauna de "seres elementais" e temas místicos e mágicos. A produção de livros, e mesmo de produtos culturais a ele ligados, como produção de mercadorias, segue as imposições do mercado. E, hoje, o misticismo vende feito xuxu na feira.

Entretanto, é preciso ver sob a superfície, tentar descobrir as tendências de desenvolvimento futuro. Afinal, uma indústria cultural com o porte e a importância da indústria editorial brasileira, atuando num mercado tão extenso, não pode viver apenas de fantasias, por mais lucrativas que sejam. As fantasias funcionam para ajudar muita gente a fugir da realidade (não é à toa que o místico-mor Paulo Coelho está, há semanas, nas listas dos mais vendidos com seus quatro livros!). Contudo, a sociedade brasileira, há décadas, tenta resolver contradições profundas e seculares, e esse esforço não só cria uma demanda enorme por obras científicas, mas também condiciona a reflexão de artistas e escritores, e impõe a necessidade urgente de educar milhões de jovens, agregando-os ao esforço de resolução daqueles problemas.

A Bienal deste ano bateu recordes, apesar da crise econômica. Foi visitada por 1,2 milhões de pessoas - e cerca de 1/3 desse total eram estudantes. Conseguiu vender perto de 10 milhões de dólares. É pouco, dadas as dimensões do país e das necessidades de sua população. Em 1992, diz a Câmara Brasileira do Livro, o Brasil produziu cerca de 200 milhões de livros, incluindo aí os livros didáticos, usados nas escolas pelos estudantes. Mesmo assim, entretanto, o Brasil é responsável por quase a metade de produção de livros na América Latina.

Evidentemente, há muita coisa culturalmente irrelevante nessa produção. Não é para esses que nossa atenção deve voltar-se, se queremos surpreender as tendências que poderão moldar a produção de obras literárias e científicas no futuro. Ao contrário, ficaremos surpresos se nossa atenção voltar-se para aqueles que, aparentemente, navegam contra a maré. Um dos livros mais vendidos na Bienal foi as *Obras Completas*, de Shakespeare. Outro best seller foi *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Pode ser um indício tênue, mas é fundamental prestar atenção nele. Ele é fortalecido quando se leva em conta o esforço que importantes editoras estão fazendo para atingir os jovens, um público onde não funciona a moda nem o renome do autor, mas onde o tema das obras é fundamental, juntamente com a qualidade literária em que esses temas são tratados. Os jovens são exigentes, e curiosos em relação aos problemas da realidade em que vivem. Querem obras de cunho intimista e existencial, mas também exigem livros que tratam de problemas mais gerais, como a pobreza, a AIDS, o aborto, a ecologia, a família, o sexo, etc. Esta tendência esteve presente na 12ª Bienal; se ela for verdadeira, o leitor brasileiro não está apenas no beco sem saída do misticismo e da fantasia.

*Deve-se levar em conta o esforço que as editoras fazem para atingir o jovem*

*Victor Ampilov, dirigente do Partido Comunista dos Operários Russos esteve no Brasil, para participar do ciclo de debates "A crise da URSS e o futuro do socialismo".*

*Victor Ampilov manteve conversação com o Secretariado Nacional do PCdoB. A Classe Operária publica trechos dessa conversação e de sua palestra realizada na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo.*

A revolução de Outubro de 1917 abriu realmente grandes perspectivas para os trabalhadores, operários, camponeses e também abriu grandes perspectivas para a humanidade inteira, a esperança de acabar com a exploração do homem pelo homem. O homem soviético alcançou grandes êxitos com a construção do socialismo. Logo nos primeiros anos, o analfabetismo foi liquidado. Não somente as crianças começaram a estudar, como os adultos. Houve também o progresso técnico científico antes da guerra. O país foi industrializado, com uma indústria independente em pouco tempo. O campesinato foi liberado da dominação e teve acesso a trabalhar a terra de forma coletiva.

## Causas da crise na URSS

É após a 2ª Guerra Mundial que nós começamos a observar as causas da crise na URSS. Devemos dizer que a guerra consumiu o trabalho dos camponeses e dos operários, aniquilou os mais valentes, os mais destacados que deram suas vidas para defender a liberdade mundial. Isso repercutiu no desenvolvimento posterior da história. As difíceis condições que enfrentou o país durante a guerra tiveram sua influência e, sem dúvida, o sistema socialista conseguiu, num breve período, reconstruir o país após a guerra sem nenhuma ajuda estrangeira.

Começou a guerra fria e o povo soviético teve de fazer sacrifícios para defender o socialismo em todo o mundo. Mas também é certo que essas difíceis condições de luta fizeram com que Stálin, um grande homem na história, dentre as coisas boas que fez para defender o primeiro país socialista do mundo, involuntariamente cometeu um erro, que consistiu em colocar o Partido Comunista acima de tudo. Em vez de fortalecer o poder entre a classe operária, em vez de desenvolver a democracia socialista, reforçou o poder todo poderoso do Partido Comunista.

Claro que durante a época de Stálin o povo estava unido. Stálin era um líder indiscutível e atuava em prol do povo soviético, em prol das mais amplas massas. Durante a época de Stálin, os preços dos produtos alimentícios e dos artigos de consumo popular reduziam a cada ano.

Depois da morte de Stálin, com a realização do XXº Congresso do PCUS, começa o período de desagregação ideológica, moral, econômica, do sistema socialista.

Passou a orientar a economia não no sentido de estimular a produção, mas visando o lucro, a economia de mercado de caráter puramente capitalista. E o povo precisa de comida, roupa, ensino, garantidos pela produção social. O lucro só serve para os milionários.

Em 1965, o governo de Kruchov aprovou a reforma econômica, que reorientou a economia soviética. Foi um retrocesso em direção à economia capitalista, que entrava em contradição com a produ-



Ampilov à direita reúne com secretariado do PCdoB

ção social existente no socialismo. Começaram a aparecer os milionários clandestinos, que se aproveitaram dessa contradição.

Pouco a pouco o povo foi tomando consciência do papel nefasto da política de Gorbachov. Ieltsin começou a aparecer. Mas ambos faziam a mesma política, apenas disputavam o poder. O golpe de agosto do ano passado foi o mais curioso que a humanidade já viu. Os tanques se moviam a 40 km e paravam nos sinais vermelhos. Os soldados e oficiais não tinham nenhuma orientação do que fazer. Tudo não passou de um teatro visando enganar o povo. Esse agosto marca uma data decisiva para toda a Europa. O retorno ao capitalismo passava a se dar abertamente. Intensificou-se a delinquência nas ruas de Moscou e, o que é mais lamentável a guerra entre os povos soviéticos, entre as nacionalidades soviéticas.

Toda essa situação começou a provocar reação. Foi se impondo uma unidade para a ação. Começaram a surgir organizações comunistas. Estamos agora preocupados com a organização da classe operária. O que fazer para a defesa da propriedade social? Claro que nada se resolverá se não lutarmos pelo poder político da classe operária. Torna-se urgente barrar o processo de privatização patrocinado pelo FMI, que faz parte de um verdadeiro processo de colonização de nosso país.

Os elementos pró-imperialistas, tanto na URSS como na América Latina, têm contraposto a palavra democracia à ditadura do proletariado.

Para nós, a democracia é quando a maioria do povo tem direito de trabalhar, de sobreviver. Democracia é quando o operário e o camponês participam da direção do país e da distribuição da renda. Reconhecemos a democracia quando cada criança tem direito ao ensino, do primário à universidade. Essa é que é a ditadura da classe operária. Não é o que

trouxe para o povo soviético a "democracia" de Gorbachov.

## O processo de resistência

Alguns catedráticos na Universidade de Moscou, depois na Universidade de Leningrado, começaram a analisar o processo ocorrido na URSS, sobretudo o período de Gorbachov de uma maneira científica e chegaram a conclusão de que o revisionismo atuava abertamente e isso poderia levar à liquidação do socialismo na URSS.

Então esse grupo de catedráticos, professores das ciências sociais, fundaram, junto com alguns operários, a Frente Unitária dos Trabalhadores. Isso foi em 1987. Essa frente passa a receber um ataque mortal da imprensa, que afirma que aí se reúnem os conservadores, os velhos que não querem mudanças. Penso, inclusive, que houve gente infiltrada e até patrocinada pela CIA, visando atrapalhar o trabalho da frente.

Embora fizesse muitos debates, essa frente não chegou a ser uma organização de massas. Em 1988, a Frente Unitária dos Trabalhadores alcançou seu limite. Dentro da frente aparece um grupo que já começa a lutar dentro do PCUS contra a política de Gorbachov. Foi formado o movimento Iniciativa Comunista que realizou seu primeiro Congresso em 1989 em Leningrado, com grande presença de delegados comunistas, a maioria deles procedentes da Frente Unitária dos Trabalhadores.

Eu, com a experiência vivida na América Latina, das bandeiras, dos alto-falantes, comecei a tomar iniciativas de mobilização de massas o que surtiu efeito, chegando à realização de grandes manifestações.

Hoje existem dezenas de organizações de esquerda na URSS, que tentam organizar o povo para resistir ao avanço do capitalismo.

## VICTOR AMPILOV

*Jornalista, é considerado hoje um dos dirigentes políticos de oposição mais populares de todo o país. Esteve na cabeça da gigantesca manifestação de meio milhão de pessoas, que se reuniu no último dia 9 de maio (Dia da Vitória), na Praça Vermelha em Moscou. O movimento Rússia dos Trabalhadores, do qual é um dos principais dirigentes, aglutina forças comunistas, patriotas e progressistas em oposição ao atual regime. Seu partido, o Par-*

*tido Comunista dos Operários Russos, foi a principal força política de apoio à candidatura do general Albert Makashov nas últimas eleições presidenciais. Na trajetória deste dirigente o internacionalismo tem sido um traço marcante. Viveu em Cuba e posteriormente na Nicarágua (84/85). Ao voltar a URSS, depois de algum tempo na Rádio de Moscou, decidiu se dedicar integralmente à militância política.*

Fundação Maurício Grabois

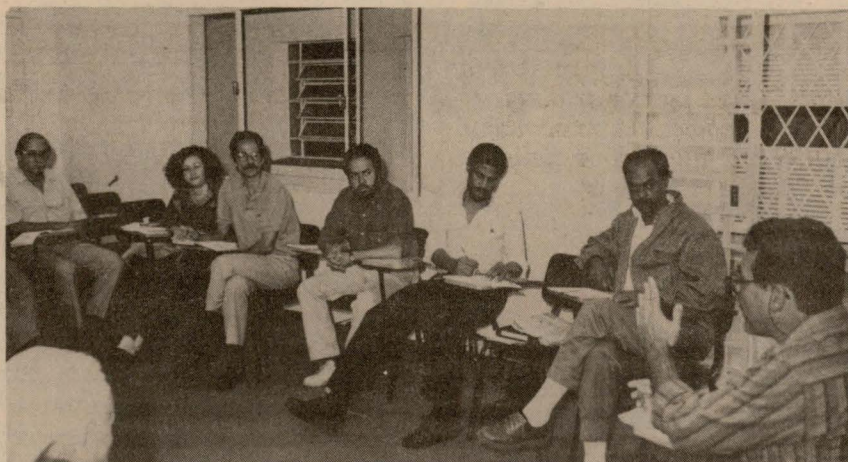
PCdoB

## Novo rumo para o Brasil

ANA MARIA ROCHA

A Comissão Política Nacional do PCdoB reuniu-se no dia 31 de agosto para analisar a situação nacional. Concluiu que o resultado a CPI, apoiado pelo amplo movimento de massas, criou uma situação nova, onde se verifica a desintegração das hostes governistas, levando ao crescente isolamento de Collor. Um dos grandes derrotados foi o governador da Bahia, Antonio Carlos Magalhães, que tentara em vão salvar Collor. É a primeira vez na história do Brasil que a força das denúncias e do movimento de massas promoveram a saída de um presidente pelos caminhos da lei. O desfecho completo da crise ainda não se concretizou, mas a questão da transição está colocada e o vice-presidente Itamar Franco se articula com representantes da sociedade, preparando-se para assumir a Presidência da República.

A Comissão Política Nacional do PCdoB chama a atenção para a importância da unidade das forças oposicionistas, ampliando cada vez mais o leque dessas forças para se opor aos conservadores. Por outro



Comissão Política do PCdoB reuniu-se no dia 31 de agosto

lado, destaca a importância da intensificação das mobilizações de rua como força de pressão para que as decisões levem ao impeachment e a um desfecho da crise favorável aos interesses nacionais e melhoria das condições de vida do povo. Esses dois fatores são fundamentais para que a transição se concretize numa mudança de rumo, de rompimento com a política neoliberal recessiva, entreguista e anti-democrática, garantindo a defesa dos interesses nacionais e o aprofundamento da democracia.

A aplicação dessa nova política não poderá ser feita pelos integrantes da "corte" de Collor.

É preciso que surjam novos personagens comprometidos com os anseios democráticos. A batalha ainda não está ganha. A ofensiva das forças conservadoras para uma solução de compromisso continua. Por isso, a direção do PCdoB alerta ser preciso concentrar esforços na ampliação das forças oposicionistas e na intensificação das mobilizações de massa, até que a mudança de rumo esteja garantida.

## Comunistas discutem o pós-Collor

As lideranças do PCdoB que atuam em entidades nacionais realizaram, no dia 4 de setembro, a primeira reunião conjunta para a troca de experiências e discussão da continuidade da mobilização pelo afastamento de Fernando Collor da Presidência da República. Acompanhada pelo secretário nacional de massas, Dynéas Aguiar, o encontro contou com a presença de comunistas que atuam na União da Juventude Socialista, União Nacional dos Estudantes, União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, União Brasileira de Mulheres, Confederação Nacional de Associações de Moradores e Movimento Negro.

Dynéas Aguiar apresentou as resoluções tiradas na última reunião da Executiva Nacional do PCdoB, avaliando que a batalha pelo impeachment pode ser vitoriosa, mas ainda não está ganha. "É necessário intensificar a mobilização. Várias forças são suscetíveis a mudar de opinião, dependendo da pressão das ruas", afirmou.

As entidades dirigidas pelos comunistas devem jogar todos os esforços para a ampliação da frente anti-Collor e, desde já, fazer a denúncia do projeto neoliberal. A avaliação da reunião é de que existem condições de politizar as mobilizações e de fazer com que o povo tome para si e levante nas ruas as bandeiras que se contrapõem ao projeto collorido.



Reunião discute a atuação dos comunistas

Passada a batalha pelo impeachment e assumindo o vice Itamar Franco, a perspectiva é de que a luta se acirre, independente do programa que ele assumir, que será também resultado das diferentes pressões que deverá receber. De um lado, dos setores populares, nacionalistas e do povo mobilizado; de outro, do imperialismo.

A base de luta dos comunistas em todas as frentes será unificada basicamente em cinco pontos: suspender a aplicação do projeto de privatizações; no senado, barrar a aprovação da Lei dos Portos; derrotar a Lei das Patentes; derrotar o caráter entreguista e anti-popular do projeto de reforma fiscal; contra a reforma política e eleitoral, anti-democrática, de conteúdo reacionário, que tenta impedir a existência dos partidos mais avançados. Além

disso, em cada área de atuação, deverão ser levantadas as questões específicas para serem defendidas nesta segunda etapa de lutas.

As entidades deverão estar atentas e acompanhar, no Congresso Nacional, a votação dos projetos. É necessário também maior articulação entre as diversas entidades nacionais.

## Estrutura e Divulgação

Um aspecto que chamou a atenção é a necessidade de garantir o funcionamento das entidades, respeitando sua democracia interna. Especial cuidado deve ser dado para a estruturação material das entidades e de suas idéias. Deve-se aproveitar a ascensão do movimento de massas para formar a opinião dos milhões que estão indo às ruas. Isso só será possível com uma certa estrutura, que permita capitalizar o trabalho e incorporar as novas lideranças que surgem.

Nos Estados e Municípios estas questões também merecem ser levadas em conta, pois é aí, concretamente, que o contato com as pessoas que participam das mobilizações acontece. Uma experiência interessante, que pode ser ampliada, são as plenárias convocadas a partir das passeatas ou comícios. O crescimento do PCdoB também não pode ser esquecido e as mobilizações são propícias para as filiações, facilitadas a partir do reconhecimento das lideranças comunistas.

OLHO VIVO

## Ética e ética

DILERMANDO TONI

Com a mais justa razão, milhões de brasileiros saem às ruas indignados contra a corrupção desenfreada do governo Collor, exigindo o fim do governo e a punição dos culpados. O Movimento pela Ética na Política é uma das formas que se manifesta a insatisfação contra a roubalheira que, aliás, de há muito infesta os mais altos escalões da administração pública.

Há uma contradição brutal entre os jardins e cachoeiras artificiais bilionárias da casa da Dinda, os US\$800 mil gastos na reforma do apartamento triplex de Maceió, os milhões gastos com roupas íntimas da primeira-dama, as "festas de arromba" para os apaniguados - tudo pago com o dinheiro público - e a situação desesperadora de um povo honesto e trabalhador que vive na miséria, jogado no desemprego, com os salários achatados, sofrendo as duras consequências do projeto neoliberal, imposto pelo FMI e apelidado de moderno.

## A moral da burguesia

O PCdoB opõe-se frontalmente à corrupção e vai além: questiona e desmascara o projeto neoliberal, propondo aos trabalhadores e ao povo em geral novas caras e novos rumos para o país. Mas caberia perguntar: a moral, a ética estão acima das classes? O que acontece com o governo Collor é um fenômeno estranho aos governos da burguesia?

Vejam o que se passa no "primeiro mundo" a esse respeito. No Japão estourou o "escândalo Sagawa", um caso de suborno em que a empresa do ramo dos transportes Tokyo Sagawa Kyukyo comprou as mais altas figuras da vida pública daquele país, envolvendo altos dirigentes do PLD (partido que está no poder), três ministros de estado, três ex-primeiros-ministros, num total de 280 políticos. Como no Collorgate eram feitas doações secretas aos políticos do PLD e, com isso, a empresa conseguia manter influência sobre as decisões do governo. A Itália também ocupa os noticiários dos escândalos de corrupção. Lá, num processo que começou em fevereiro, estão envolvidos mais de 70 políticos que foram subornados em troca de contratos de obras públicas.

A corrupção, mais ou menos explícita, é um traço de união entre os governos da burguesia. A nuance do caso brasileiro talvez

esteja em que aqui as "contribuições" da Odebrecht, da Andrade Gutierrez, da Votorantim, da Tratex e de muitas outras se transformaram rapidamente e abertamente em "patrimônio" de Collor e seus sequazes.

## O novo homem

A sociedade capitalista está baseada na exploração dos operários e trabalhadores pelos donos do capital; além disso, os diversos grupos da burguesia empreendem uma feroz concorrência entre si visando se sobrepor uns aos outros, fazendo uso de todas as armas. É sobre essa base que se assenta a moral e a ética burguesa.

Numa época de recessão e crise do capitalismo em escala internacional, a corrupção, a mentira, a "esperteza" tendem naturalmente a se avolumar e a ultrapassar os limites impostos pela própria burguesia dominante. Ou, como resumiu descaradamente Mário Amato, ex-presidente da toda-poderosa Fiesp: "Somos todos corruptos". Se no socialismo, com outra base econômica, sem explorados e exploradores, poderá surgir um novo homem, verdadeiramente solidário, digno e honesto.

Leandro Schillpake

Leandro Schillpake

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Especial

# A Classe Operária

## 170 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

### Atualidade da questão nacional

JOSÉ CARLOS RUY

Há duas décadas, em 1972, o sesquicentenário da independência foi comemorado com a reafirmação do sonho de um "Brasil Grande". O país vivia o auge da ditadura militar, o "milagre econômico", sustentado com empréstimos externos ia bem, e tudo parecia fazer do Brasil a *potência emergente* do final do século. Era o sonho de "modernidade" que havia justificado o golpe militar de 1964, sonho que é antepassado direto do mesmo engodo com o qual Fernando Collor de Mello venceu a eleição de 1989 e vem tentando impor ao país desde sua posse na presidência da República - um programa neoliberal de subordinação do país aos interesses do imperialismo, programa que torna a questão nacional extremamente importante para os setores populares, democráticos e progressistas da sociedade brasileira.

O sonho de "modernidade" dos militares não durou muito. A crise econômica mundial, que acabou com o dinheiro farto e fácil que os banqueiros emprestavam ao Brasil, teve reflexos profundos no país. A economia brasileira passou a ser, cada vez mais, comandada pela necessidade de atendimento dos compromissos da dívida externa; dez anos depois, em 1972, a crise explodiu e aquilo que parecia um futuro risonho transformou-se no pesadelo que ainda oprime a sociedade brasileira - e a independência e soberania do país parecem irremediavelmente comprometidas quando as decisões estratégicas sobre o desenvolvimento nacional são subordinadas à orientação do Fundo Monetário Internacional, a principal agência econômica do imperialismo.

#### A profundamento da subordinação

A mesma elite brasileira que governou usando as mãos dos militares esforçou-se por colocar Collor de Mello no poder, na eleição de 1989, e hoje pretende livrar-se dele, pois seus métodos de atuação política extravasam aquilo que parece aceitável para a legitimidade do poder das



Protestos em todo o país marcaram o dia 7 de Setembro

classes dominantes. Essa elite pretende, contudo, manter aquilo que lhe parece essencial, o programa de "modernização" de Collor de Mello. E, convém lembrar, em que consiste esse programa? Trata-se, mais uma vez, do aprofundamento da subordinação do país ao imperialismo, da "integração" do Brasil no chamado Primeiro Mundo. O projeto neoliberal de modernização baseia-se na eliminação das principais conquistas sociais dos trabalhadores brasileiros, na liberação cega das forças de mercado - isto é, da espoliação capitalista sem freios -, na abertura do mercado brasileiro para o comércio dos países imperialistas, na especialização da economia brasileira; a sua pretensa vocação - isto é, ao papel que o imperialismo reserva à economia brasileira na divisão internacional do trabalho.

Com uma roupagem nova, trata-se do mesmo projeto de subordinação do Brasil aos interesses dos países ricos que animou todos os setores mais reacionários da sociedade brasileira desde a independência, que alimentou os argumentos reacionários contra o desenvolvimento industrial do país, que levou os militares a frustrarem o projeto de desenvolvimento autônomo que se apresentou depois da II Guerra Mundial.

#### Passos incompletos

A história do Brasil foi marcada por desenvolvimentos que se podem considerar incompletos. A independência, em 1822, não nos livrou da casa reinante portuguesa, que continuou reinando com Pedro I e Pedro II. Muitos pretendiam, já naquela época, a república, o fim da escravidão e do latifúndio, e o desenvolvimento industrial para tirar o país da pobreza e sustentar a soberania nacional. Foram derrotados, e a monarquia foi essencial para que a elite comercial e latifundiária sediada no Rio de Janeiro (que vivia do escravismo e do comércio externo) se impusesse ao país, derrotando pela força das armas nas mãos aqueles que se opunham aos seus interesses. Assim, o Brasil independente transformou-se numa monarquia autocrática, o escravismo sobreviveu até o final do século passado, e o latifúndio, aliado ao grande capital comercial, não só sobreviveu mas, principalmente, assumiu o controle do Estado brasileiro.

A República, em 1889, deu outro passo no sentido da democracia, ao eliminar a monarquia, mas as mesmas forças sociais que dominaram a sociedade brasileira sob o Império, continuavam à frente do Estado e do governo, agora sem a intermediação da Casa de Bragança. Décadas mais tarde, em 1930, um novo movimento revolucionário alargou o leque dos atores políticos. Ampliou o espaço dominado pelos setores da burguesia, e admitiu, embora de forma extremamente limitada, a presença da classe operária no cenário político. As forças do passado, contudo - o latifúndio e o grande capital mercantil -, continuaram partilhando o jogo político e influenciando de forma decisiva nos destinos do país. Depois da II Guerra Mundial, o conflito entre essas forças do passado e os setores progressistas, nacionalistas e democráticos aprofundou-se, culminando no suicídio de Getúlio Vargas em 1954, e no golpe militar de 1964.

#### A independência não se completou

A subordinação ao imperialismo torna a questão nacional cada vez mais atual. Em seu 170º aniversário, a independência do país parece não ter se completado. Ela existe ao nível político, mas os agentes estrangeiros atuam com desenvoltura nas eleições brasileiras. Ainda falta consolidar a independência econômica e social do país, e afirmar a autonomia cultural e científica de nosso povo. Os pregoeiros da "modernidade" acusam seus adversários de antiquados, que teriam uma mentalidade dos "anos 50". Eles tem razão, é preciso reconhecer. As palavras de ordem que ainda animam os patriotas e os progressistas, no Brasil, são semelhantes às que os animavam nos anos 50 - e mesmo muito antes, poderíamos dizer. São de fato palavras de ordem antigas. A defesa intransigente da soberania nacional; do desenvolvimento autônomo e independente do país; da necessidade de eliminação do latifúndio; da melhor distribuição da riqueza nacional; de modificação da base da economia brasileira, voltando-a principalmente para o mercado interno, com a produção de alimentos e bens de consumo populares; a defesa da cultura e identidade nacionais, contra a invasão alienante de produtos culturais sem qualidade; o desenvolvimento da ciência e da tecnologia nacionais - todas estas são exigências que, de certa forma, estão colocadas para a sociedade brasileira desde a época dos inconfindentes mineiros, há duzentos anos! O que espanta não é que ainda existam brasileiros a defender estas palavras de ordem. Ao contrário, o que espanta é que elas ainda sejam atuais no limiar do século XXI, às vésperas do Terceiro Milênio. Elas exprimem problemas agudos e permanentes, a herança trágica e cruel que o povo brasileiro ainda não resolveu.